

## **Entrevista com a Professora Dr<sup>a</sup> Marieta de Moraes Ferreira**

A entrevistada nos dá um panorama geral da História Oral na atualidade. Entre outros elementos elenca uma série de questões relacionadas à historiografia nacional e internacional, como a História do Tempo Presente, algumas reflexões sobre a historiografia contemporânea, questões metodológicas e assim por diante.

Por: Eudes Fernando Leite  
Docente da UFGD, Doutor em História e Coordenador do curso de Pós-graduação da UFGD

Por: Leandro Baller  
Discente da Pós-graduação da UFGD, Editor Responsável da Revista Eletrônica História em Reflexão

*REHR: Dia 28 de setembro de 2007, estamos aqui com a professora Marieta de Moraes Ferreira, ela vai nos falar um pouco sobre historiografia, metodologia de História Oral para a nossa Revista História em Reflexão, professora...*

M. M. F.: Bom primeiramente eu queria dizer que fico satisfeita, contente de poder conversar um pouco com vocês, eu acho que essa iniciativa de uma revista eletrônica dos alunos de pós-graduação da Universidade Federal da Grande Dourados, é uma iniciativa eu acho muito inovadora, muito interessante porque é um canal né, uma iniciativa do corpo discente de efetivamente poder estar circulando informações dos alunos, das pessoas que vem por aqui, então eu fico satisfeita e contente de poder estar colaborando com vocês pra gente bater esse papo.

Bom, falar da historiografia brasileira contemporânea é um tema extremamente amplo né! Eu vou fazer uns recortes dentro dessa grande temática aos assuntos e aos temas que estão mais relacionados à minha experiência como pesquisadora e como professora. Na verdade eu acho que a historiografia brasileira contemporânea ela se desenvolveu muito nos últimos anos, com a abertura de novos temas, com a própria criação de um grande número de cursos de mestrados e doutorados um aumento muito grande do número de teses e dissertações, um número muito grande também de revistas, então eu acho que se criou esse campo da produção do historiador, do professor de história e se

expandiu muito nos últimos anos, especialmente eu acho que nessas últimas duas décadas. Também o surgimento de muitas revistas e acho que há também um interesse grande por história, um interesse não só daqueles que vem a fazer história, cursar essa disciplina, mas eu acho da sociedade de uma maneira geral e a prova disso é, por exemplo, o número de revistas que tem surgido nos últimos tempos, como revistas destinadas ao grande público, uma delas é a Revista de História da Biblioteca Nacional, uma revista que tem tido uma aceitação muito boa, uma revista de banca que vende para pessoas né, interessadas de uma maneira geral. Publica, disponibiliza, divulga os trabalhos mais recentes da área de história para um público que não é um público especializado, além dessa revista que eu julgo como a mais importante, várias outras tem também surgido no mercado, tem outras, História do Brasil, História Viva, enfim isso eu acho que é um indicador da vitalidade do campo da história, e do interesse que as pessoas, o público em geral tem demonstrado pela produção historiográfica brasileira, e pela historiografia, e pela história do Brasil de uma maneira geral, então eu acho que esses são pontos importantes em relação a uma produção mais ampla. Agora o que eu vou me fixar mais, nessa nossa conversa é sobre a história do século XX, e agora do século XXI, essa história chamada História do Tempo Presente, que é a área na qual eu estou inserida e na qual eu desenvolvo as minhas pesquisas, na qual eu tenho a maior parte dos meus orientandos de mestrado e de doutorado, e o que eu posso dizer é que eu vejo que essa área da História do Tempo Presente como campo de trabalho né, tem crescido de uma forma muito expressiva, a tradição do campo disciplinar da história sempre teve uma restrição muito grande à história recente. Nós vamos lá no século XIX, vamos olhar como os pais fundadores da nossa disciplina, aqueles historiadores franceses, alemães entre outros, preocupados em transformar a história numa disciplina científica né! Defenderam a necessidade de construir o campo de reflexão da história voltados mais para períodos recuados, exatamente com a intenção de que o historiador, o professor de história que estava num momento de institucionalização, de profissionalização da disciplina ela não ficasse “contaminado” digamos assim, com as discussões do presente, com os problemas, com as dificuldades, com as lutas políticas do presente né, então é como se a história mais recente fosse de domínio do jornalista, dos políticos, dos filósofos, e o historiador deveria se manter apartado dessas “ameaças” e assim a história se constituiu durante muito tempo como uma disciplina que estudava o passado, hoje ainda podemos pegar muitos livros onde vamos encontrar lá essa definição “a história é a ciência que estuda o passado” ou “a história é uma disciplina que estuda o passado” eu acho que nos últimos anos, nas últimas décadas para ser mais precisa, já a partir da Segunda Guerra Mundial começa-se um movimento de valorizar, a

---

necessidade de se estudar a história recente, e nesse sentido eu acho que o historiador francês François Bédarida, teve um papel muito importante de cunhar essa denominação história do tempo presente que é uma denominação muito, às vezes, discutível né, muitas pessoas criticam, muitas pessoas acham que é uma noção muito vaga, que não define parâmetros muito precisos, e quando começa essa história do tempo presente? Quando ela acaba? Mas ainda que a gente possa achar que esses argumentos possam ou devam ser considerados devam fazer parte da nossa reflexão, o que eu acho que é importante é que essa definição e essa abordagem né, começou a legitimar para os historiadores o estudo do tempo presente, do tempo próximo e aí a definição mais geral que esta por detrás dessa denominação de História do Tempo Presente, quer dizer é aquela história que convive com os seus testemunhos. Então seria de uma maneira geral uma história dos últimos 80 anos, sendo que essas barreiras temporais elas podem ir se deslocando a medida que o tempo vai correndo, e também esse momento de início da história do tempo presente ele também é variável de país para país onde cada realidade social, política enfim pode demarcar o momento de início desse tempo presente de uma forma diferenciada.

Mas o ponto importante que eu queria chamar atenção voltando a sua pergunta, que eu fiz uma volta longa pra falar do cenário internacional é que eu acho que a partir dos anos 90 eu acho que no Brasil se consolidou, abriu os espaços para essa emergência, esse reconhecimento, essa importância da História do Tempo Presente, ainda que muitos historiadores continuem tendo restrições a esse estudo, e até ao uso dessa denominação eu acho que cada vez mais crescem os estudos, crescem as demandas e crescem principalmente o interesse dos alunos. Hoje se nós fizéssemos uma avaliação, eu não quantifiquei isso, mas eu acho que isso é uma coisa importante, eu tenho essa dimensão é que temos cada vez mais um reconhecimento nos programas de pós-graduação, quer dizer, onde é que mudou essa visão a respeito da História do Tempo Presente? Essa aceitação? Essa incorporação do tempo presente como objeto de estudo da história? Mas enfim, o que eu acho que é uma coisa importante, é chamar atenção pra isso, é que são nos programas de pós-graduação que essa mudança esta se mostrando de forma mais eficaz, mais efetiva e eu acho que essa mudança ela é provocada principalmente pelos alunos, se fosse depender de grande parte dos professores de gerações mais antigas, eu acho que essas dificuldades, essa interdição em relação ao tempo presente permaneceria, ou pelo menos ela seria suplantada de forma muito mais lenta, mas eu acho que os nossos programas de pós-graduação tem tido um crescimento muito grande de alunos que demandam, que escolhem como tema de suas dissertações, como tema de suas teses de doutorado o

---

trabalho com a História do Tempo Presente, e ao fazer isso de certa forma essa demanda por parte dos alunos coloca para os professores, para os orientadores os desafios e necessidades de reverem muitas vezes as suas posições e de encontrar alternativas para se defrontar com essas novidades, novidades no bom sentido, esses desafios que a história do tempo presente coloca. Realmente eu acho que ela coloca desafios no sentido de fazer com que o historiador, pesquisador ele seja contemporâneo dos seus testemunhos dessas fontes que estão sendo produzidas, e isso muitas vezes coloca um embate entre a versão dos atores políticos que vivenciaram aqueles episódios aqueles eventos e a interpretação dos historiadores, isso muitas vezes coloca os embates, coloca os problemas, mas eu acho que as pessoas falam de lugares diferentes, eu acho que é o papel da história dos historiadores entenderem essa distinção do que é história de vida e o que é história como produção de um conhecimento específico com regras definidas. Enfim, como um destino profissional é muito comum nós dizermos assim “todos nós fizemos história”, fulana é ator da história, faz história, claro todo mundo faz história, nesse sentido a história de vida de todos nós, não só todos os indivíduos atores sociais e nós também profissionais que também somos atores sociais não é? Mas são coisas distintas, são lugares distintos, a história de vida é uma coisa e a história como uma operação intelectual pra usar um termo utilizado pelo Michel de Certeau, e eu acho que é importante a gente fazer essa distinção, para que a gente não confunda exatamente memória com história, eu acho que esse é um outro tema também importante pra gente debater. “Você quer colocar alguma outra questão, que eu esclareça alguma coisa, ou vamos andando adiante?”

*REHR: Eu queria só pegar um gancho na sua fala voltado um pouco para sua área, ou uma área que você contribuiu e contribui muito que é o desenvolvimento da metodologia da história oral, essa dispersão, digamos assim e divulgação dessa metodologia no Brasil, como é que nesse momento aparece pra você a questão da relação sempre muito próxima e as vezes ambígua entre a história aquilo que narra aquilo que se conta nas entrevistas de história oral e a relação desse narrado com a memória do entrevistado.*

M. M. F.: Bom eu vou tentar trabalhar essa questão da história oral em duas direções, uma de um ponto de vista que você colocou, aliás, você apontou duas possibilidades de discussão. Uma é a relação com a memória e outra a questão da

expansão do campo da história oral no Brasil que eu queria aproveitar a oportunidade pra falar um pouco disso.

Então o primeiro ponto, a questão da relação da história com a memória, eu acho que a história oral na minha maneira de ver ela é uma metodologia é um método de investigação que nós podemos utilizar para colher informações para produzir uma fonte, nem todo mundo pensa assim, existem outras maneiras de pensar a história oral, tem pessoas que acham que a história oral já é a história e conseqüentemente você pode, deve usar os depoimentos que falam por si só, esses depoimentos não devem ser submetidos a crítica, ou questionamento, ou a sua fragmentação e discussão e articulação com outras fontes. Dentro do meu ponto de vista eu não concordo com essa perspectiva e acho que a história oral é só uma metodologia muito rica e que se alia, é a metodologia por excelência adequado a História do Tempo Presente, por quê? Eu acho que a História do Tempo Presente ela coloca muitos desafios, como eu disse você está permanentemente sendo confrontado pelos atores que vivenciaram aqueles episódios e aqueles eventos né! E conseqüentemente a História do Tempo Presente pelo fato de você também estar muito próximo, dos acontecimentos e dos eventos e dos personagens com os quais você está tratando muitas vezes outras fontes tem um caráter de acesso mais difícil e a história oral, a coleta de depoimentos ela funciona um pouco como uma bússola de maneira que você possa trabalhar questões que as vezes você demoraria muito tempo se você fosse só pesquisar no jornal, fosse pesquisar nas atas, não que você vá abrir mão dessa pesquisa, claro que não, você também deve lançar mão dessas outras fontes, eu acho que o ofício do historiador deve sempre nos levar a trabalhar no confronto de fontes, num número múltiplos de fontes diferentes, escritas, orais, oficiais, do cotidiano das pessoas, mas a história oral ela nos ajuda nos fornece pistas que agilizam muito nosso trabalho, então eu acho que ela tem essa grande vantagem. Agora ela também oferece perigos, ela também nos exige cuidados, no sentido de ver de ter uma capacidade de avaliação crítica do quê que esses depoimentos trazem para nós, este eu acho um problema muito complicado que está sendo colocado muito em pauta no momento, eu acho até que nós estamos vivendo de novo um certo momento de questionamento da história oral. Eu acho que a gente teve uma fase em que a história oral era muito criticada e tinha uma aceitação muito restrita no meio acadêmico, depois nós vivemos um momento do *Boom* da história oral, onde todo mundo acho que tinha que fazer história oral, que todo mundo acha que tinha que fazer entrevistas e agora eu sinto de novo um questionamento, muitas pessoas levantando problemas em relação ao uso da história oral, pra mim esses problemas que estão sendo colocados, um

---

exemplo disso é o livro da “Beatriz Sajo” “Tempo Passado”, que discute exatamente a subjetividade dos testemunhos principalmente no caso da Argentina quando ela discute a idéia de que os testemunhos, das vítimas, dos traumas provocados durante a ditadura militar fornecem testemunhos que na verdade são memórias né! Marcados pela subjetividade e que são muitas vezes tomados como verdades fidedignas e incapazes e que ficam impossibilitados de serem o objeto de qualquer questionamento então uma questão que eu acho que está surgindo muito hoje não só em relação à história oral, mas em relação da questão desse grande movimento que não é só do Brasil mais em muitos países, é de setores sociais, governos, grupos étnicos, estarem voltados para essa discussão, essa noção que chamam dever de memória, então sempre essa discussão, temos que “resgatar a memória” tem que “preservar a memória” como se isso fosse sempre um bem, fosse sempre um valor positivo e na verdade isso pode ter um valor positivo como pode também ter uma dose de negatividade mas um ponto que eu queria destacar é que ao se valorizar muito esse dever de memória e essa necessidade de valorizar muito os testemunhos acaba por promover uma sacralização da memória e impede que os testemunhos aqui no caso estou tratando da história oral mas poderia também ser usado para outros testemunhos que não precisam ser orais, que fossem escritos, ou que fossem publicados, enfim como testemunhos que não pudessem ser objetos de questionamentos, que não pudesse ser objeto de críticas, e evidentemente que você ao trabalhar com uma fonte que não vai ser objeto de crítica coloca riscos eu acho muito sérios para o nosso ofício, eu acho que uma premissa primeira do ofício do historiador é o trabalho com as fontes, e o confronto das fontes e a crítica das fontes se isso fica comprometido eu acho que o nosso ofício também fica vulnerável a essas críticas, é por isso que eu acho que hoje eu tava dizendo que vejo a história oral sendo alvo de novo de críticas que ela já tinha de uma certa forma passado a superar, passado ao largo, mas eu acho que isso não é negativo não sabe! Eu acho que, eu já escrevi um artigo que foi publicado na revista espanhola História e Fonte Oral, na Espanha em Barcelona em que digo exatamente isso, a história oral como uma bússola para a escrita da história por que exatamente ela faz com que nós tenhamos um rigor de lidar com as fontes que muitas vezes nossos colegas que estão trabalhando com as fontes escritas e tão trabalhando com períodos recuados não têm, é como se a fonte escrita por si só fosse portadora de uma fidedignidade de uma veracidade do que uma fonte oral, do que um testemunho do que uma entrevista, e o que eu acho que o uso da história oral como uma metodologia ela nos ajuda é exatamente que ela nos fornece, ela nos força, ela nos conduz a ter essa visão crítica a fazer esse questionamento, a fazer esse confronto, e esse questionamento, esse confronto ele só é possível se você dominar, ou se pelo menos você

tiver um conhecimento aprofundado do campo de trabalho onde você está investindo, a idéia importante de se ter um projeto, a idéia de você conhecer a bibliografia sobre o assunto, a idéia de que você vai fazer uma entrevista com um pré-roteiro aí depende muito do campo onde você está trabalhando do tempo em que você está trabalhando, mas de qualquer maneira é fundamental você ter um projeto e que você conheça a bibliografia que já explorou aquele tema de maneiras que você possa fazer uma entrevista, coletar um depoimento que seja produtivo, e que depois você possa analisá-lo, então eu acho que essa contribuição que a história oral trouxe para historiografia contemporânea brasileira, eu acho que foi muito importante, mesmo como ela com outras fontes outros conhecimentos sejam passíveis de críticas de questionamentos, enfim eu acho que isso não é mau, eu acho muitas vezes que isso é positivo porque reforça na nossa pesquisa, no nosso trabalho, esse rigor metodológico.

No segundo ponto, eu queria chamar a atenção também a esse crescimento enorme que a história oral teve no Brasil a partir do começo da década de 90 quando foi criada a Associação Brasileira de História Oral. Eu acho que a criação da Associação foi algo muito importante por que eu acho que foi um veículo que aglutinou muitas pessoas de muitos Estados criou efetivamente uma rede de pesquisadores de alunos de pós-graduação, e ao criar essa rede e promover uma série de debates, uma série de eventos estimulou muitos temas que até então eram inexplorados principalmente temas ligados a História do Tempo Presente, eu acho que especialmente essa região do Norte do país e do Centro Oeste que são regiões que tiveram ocupações massivas mais recentes, quer dizer essa região já tinha uma ocupação, mas era uma ocupação muito mais dispersa, apenas tínhamos as comunidades indígenas, como é o caso aqui de Dourados e de várias regiões do Mato Grosso que são cidades novas, são ocupações populacionais mais recentes, e são histórias dessas regiões mais recentes, e nesses casos eu acho que a história oral é um instrumento de grande valia e eu acho que a Associação e esse movimento de expansão da história oral de um lado estimulou isso e de outro lado colheu os frutos de ter funcionado como um dinamizador desse campo. Isso trouxe conseqüências inclusive até no cenário internacional por que na Associação de História Oral, os historiadores brasileiros tiveram papel da maior importância tanto na fundação quanto no desenvolvimento da IOHA – International Oral Association (*International Oral History Association*), que no ano passado (2006) completou 10 anos e o número de trabalhos brasileiros apresentados nesses vários Congressos é uma coisa realmente espetacular, e eu acho que essa contribuição da história oral do Brasil para a Associação de História Oral Internacional e para o campo da história

---

oral internacional ele se dá não só do ponto de vista numérico dos grandes volumes de participante de trabalhos, mas ele também se dá de um ponto de vista de novidades de temas, uma quantidade de temas novos, uma quantidade de problemas metodológicos novos surgem quando você colhe depoimentos de personagens de atores sociais de diferentes regiões, eu acho que a participação brasileira contribuiu muito para que outros países da América Latina entrassem nessa “onda” da África, então eu acho que a contribuição foi muito importante, agora eu vejo também um problema um desafio que nós temos que cumprir ainda e que me preocupa de forma bastante séria que é, se de um lado nós crescemos muito fazendo e coletando depoimentos, produzindo teses, artigos, monografias e dissertações, nós não conseguimos desenvolver uma política de preservação desse material, então quer dizer que grande parte desse material está sendo coletado e que foi coletado nos anos 90 e agora já no século XXI, nesses anos do 2000, esse material não está sendo guardado, este material fica nas mãos das pessoas dos indivíduos que fazem suas pesquisas, muitas dessas entrevistas nem seguem certas normas, como obter Carta de Cessão, e ter um tratamento adequado como também existem políticas e nem lugares que possam ser depositados esses materiais, é claro que você tem algumas instituições tipo CPDOC que é um grande programa de história oral, a PUC de São Paulo também tem, a própria (MEO) que é o Laboratório da USP, enfim existem alguns programas sim que recebem o material, mais a maioria desses programas de história oral eles não recebem acervos de fora, são programas que guardam e recebem seus próprios acervos, de seus pesquisadores, seus alunos e seus professores, então eu acho que é muito importante essa conscientização da história oral, dos programas de pós-graduação no sentido de preservar, de receber, de organizar e disponibilizar esse material que já foi pesquisado para novas pessoas, para novas pesquisas que estão se iniciando agora. Bom, isso eu acho que é um acervo riquíssimo e que não está nem preservado, nem disponibilizado eu acho que se nós conseguíssemos divulgar um pouco essa idéia e criar um compromisso com isso seria muito interessante, “que mais? Acha que eu respondi sua pergunta Eudes, ou ainda ficou alguma coisa ainda que você quer aprofundar mais?”

*REHR: É só uma questão aqui professora, o assunto é batido e a gente já sabe da importância desse diálogo não só da história oral, mas da história enquanto disciplina com outras disciplinas, o que chamamos de interdisciplinaridade, ou alguns como transdisciplinaridade, e na história oral a gente vê isso hoje nas ciências sociais onde praticamente começou-se a trabalhar com história oral e fontes orais, etnólogos, enfim a*

---

*história e daí a história enquanto disciplina, como que você analisa isso e situa esse diálogo?*

M. M. F.: Olha, eu acho que esse diálogo é muito profícuo, bom, primeiro eu acho que as ciências sociais tem uma tradição muito diferente da história, eles nunca tiveram esse problema de lidar com o tempo presente, a sociologia, a antropologia, as ciências políticas sempre lidaram com o presente numa boa vamos dizer assim, e eles nunca tiveram essa dificuldade, essa interdição, essa resistência de lidar com os testemunhos orais como a história, a antropologia sempre fez pesquisa de campo, sempre fez entrevistas, claro que ela poderia ter uma visão um pouco diferente da maneira de tratar essas entrevistas, não havia essa obrigatoriedade de gravar e quando gravava, não havia essa obrigatoriedade de preservar e de criar arquivos porque o trabalho de campo da antropologia é bastante diferente do que com as pesquisas com as fontes do que o historiador, embora eu acho que temos muitos pontos de afinidades, eu acho que nós historiadores quando passamos a trabalhar com as fontes orais através dessa metodologia da história oral, eu acho que essa metodologia pegou muita coisa da antropologia e da sociologia, essa idéia de história de vida, são noções que já estavam há muito tempo na antropologia na sociologia né, o trabalho de campo e os historiadores de alguma forma se apropriaram, num bom sentido, dessas influências, eu acho também que por outro lado os cientistas sociais também se beneficiaram e passaram a trabalhar com muitos temas que não eram muito do interesse deles, ou até mesmo aprofundar trabalhos com o passado, num tempo um pouco mais recuado, ou trabalhar, por exemplo, com fontes que os antropólogos e sociólogos não trabalham como a documentação digamos cartorial, documentação histórica, eclesiástica, processos criminais, enfim essas documentações que eram mais do domínio do historiador, então eu vejo também antropólogos e sociólogos fazendo esses trabalhos, então eu acho que hoje cada vez é maior esse diálogo entre as ciências sociais. Agora, fazer esse tipo de diálogo não quer dizer que essas disciplinas vão perder as suas fronteiras, vão perder as suas especificidades, por que a história tem as suas especificidades, por mais que ela vá lançar mão de conceitos, experiências e de métodos de outras disciplinas das ciências sociais ela tem a sua tradição, ela tem as suas regras e ela tem essa preocupação com a temporalidade, que eu acho que é uma preocupação bastante específica do historiador, eu no começo da nossa conversa havia falado que a história era vista como um estudo do passado, hoje eu já e nem é de hoje essa visão já se difundiu mais, como Marc Bloch que era um historiador que já na década de 1930 falava isso, “a história não é o estudo do

---

passado, a história é o estudo do homem no tempo” então que essa dimensão temporal ela é muito importante para os estudos históricos e eu acho que ela é muito interessante pra gente rever, retrabalhar essa noção quando a gente trabalha o tempo curto, que a História do Tempo Presente trabalha em geral com o tempo mais curto, ela não trabalha com uma duração mais longa, trabalha em cima de eventos, então eu acho que a História Política a História do Tempo Presente a Metodologia de História Oral e a História Cultural também de certa forma, eu acho que elas trabalham juntas e elas exigem quando você tá trabalhando com o tempo presente de iniciativas inovadores, criativas de maneira que você não caia naquela História Política antiga, tradicional que você ia apenas às descrições dos fatos, das datas, dos grandes eventos, então eu acho que esse olhar para as outras disciplinas ela pode nos ajudar a trabalhar no campo da história de uma forma mais rica, mais criativa, mas sem que isso faça com que perdemos a nossa identidade de historiador e de profissionais do campo da história.

Eu ainda queria falar de uma outra coisa que acho que hoje um dos grandes desafios para os historiadores, eu acho que é todo um conjunto de profissionais que se nós fossemos usar uma denominação do século XIX, nós chamaríamos de amadores por que a história é um campo muito engraçado e acaba dando margem para que uma série de pessoas, um conjunto de pessoas que não tem formação na área se ache no direito, e na qualidade e com direitos de se alvará a ser historiador, então a quantidade de pessoas que se autodenomina historiador e se acha na capacidade de produzir e fazer história e muitas vezes com distorções muito grandes, então são essas vozes muitas vezes, essas pessoas que falam para o grande público, então em muitas situações a história e a população de uma maneira geral recebem, conhecem, tomam contato, é muito mais uma noção de história que passam na televisão, que passa pelos programas, que passam por determinadas revistas, que passam pela mídia, pela imprensa, e que veiculam muito mais memória do que um trabalho histórico baseado em fontes numa análise crítica ou coisas desse tipo, um outro ponto ainda que eu queria falar, era da importância da história para os profissionais da Universidade, não é nem dá história é dos profissionais de história das Universidades, especialmente dos programas de pós-graduação, é com a atenção que eles devem ter com a formação dos jovens, quer dizer com a visão do aprendizado de história que está sendo passado no ensino fundamental e no ensino médio, eu acho que durante muito tempo nós da academia, nós os historiadores, produtores dos novos conhecimentos, das novas idéias, das novas interpretações deixamos muito de lado o ensino da história que é produzido e que é desenvolvido melhor dizendo aplicado nos cursos secundários e inclusive deixando toda a

produção de livros e materiais didáticos de lado, eu acho que hoje isso é um grande desafio para nós nos preocuparmos em dar mais apoio em dar mais atenção para as licenciaturas, a educação mais voltada para os nossos alunos para eles serem bons professores é importante ser pesquisador, mas grande parte dos alunos de graduação vão ser professores de ensino secundário e eles precisam ter os instrumentos para exercerem adequadamente essa atividade, eu acho que é uma falsa idéia que uma pessoa aprenda a pesquisar e ela poderá ser um bom professor, ela deve aprender a pesquisar, mas ela também precisa aprender como ela vai usar esses conhecimentos de suas pesquisas na sua sala de aula, “eu acho que é isso não sei se você quer perguntar mais alguma outra coisa?”

*REHR: Não, eu acho que ficou bom que está legal, não é professora? Eu agradeço aqui à professora Marieta de Moraes Ferreira e também ao professor Eudes Fernando Leite, pela colaboração e no auxílio do nosso contato com a professora, eu agradeço à professora pela colaboração, muito obrigado.*

M. M. F.: Eu agradeço também e foi um prazer poder estar aqui conversando com vocês.

Elaborada em: 28/09/2007  
Aprovada em 16/01/2007